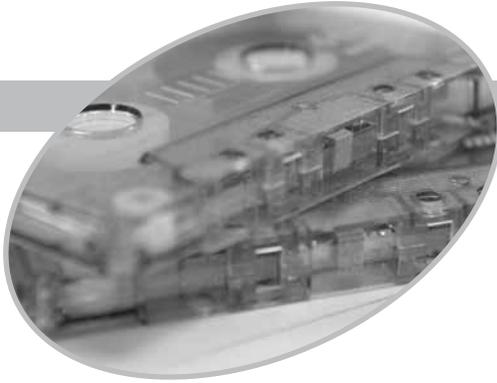


# O bom ouvinte: José Hamilton Ribeiro na perspectiva do Jornalismo Literário e da Cultura do Ouvir



Monica Martinez

Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP)  
Pós-doutoranda do Póscom da UMESP  
Professora de Pós-graduação da UniFIAMFAAM e do  
Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo  
E-mail: martinez.monica@uol.com.br

**Resumo:** Este trabalho visa compreender a produção do jornalista José Hamilton Ribeiro sob a perspectiva do Jornalismo Literário e da Entrevista Dialógica no contexto das narrativas da contemporaneidade, bem como da Cultura do Ouvir e da Escuta Ativa. A escolha pela análise da produção do jornalista se deve à extensa produção em mídia impressa (José Hamilton Ribeiro fez parte do time da revista *Realidade* de 1966 a 1975, da Editora Abril, entre outros), eletrônica (desde 1982 até a data atual ele é repórter especial do programa *Globo Rural*, da Rede Globo de Televisão) e literária (são 14 livros escritos até o presente momento).

**Palavras-chave:** narrativas da contemporaneidade, Jornalismo Literário, Cultura do Ouvir, José Hamilton Ribeiro.

*El buen oyente: José Hamilton Ribeiro em la perspectiva del periodismo literario y la Cultura del Oír*

**Resumen:** Este artículo busca estudiar la producción del periodista José Hamilton Ribeiro bajo la perspectiva del periodismo literario y de la entrevista dialógica en el contexto de las narrativas de la contemporaneidad, además de la cultura del oír y de la escucha activa. José Hamilton Ribeiro hizo parte, de 1966 al 1975, del equipo de la revista *Realidade* de la Editora Abril, y hoy es el principal reportero del programa *Globo Rural*, de la Rede Globo de Televisão.

**Palabras clave:** narrativas de la contemporaneidad, periodismo literario, Cultura del Oír, José Hamilton Ribeiro.

*The good listener: José Hamilton Ribeiro in the perspective of Literary Journalism and Culture of Listening*

**Abstract:** The aim of this paper is to study the work of the Brazilian journalist José Hamilton Ribeiro based on the perspectives of Literary Journalism, Dialogical Interview in the context of the narratives of the contemporaneity, the Culture of Listening, and the Active Listening. The work of the Brazilian journalist was chosen to be the aim of this analysis due to his impressive production. José Hamilton Ribeiro is a Brazilian journalist who used to work for *Realidade* magazine, since 1982 is a TV Globo Special Reporter, and has published 14 books so far.

**Key words:** narratives of the contemporaneity, Literary Journalism, Culture of Listening, José Hamilton Ribeiro.

**A**s coberturas noticiosas, com públicos que buscam por atualizações constantes e rápidas, marcam o jornalismo brasileiro, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Neste segmento, inspirado pela mídia norte-americana e tradicionalmente encontrado em jornais, programas de rádio, televisão e, mais recentemente, em *websites*, predomina a busca pela objetividade. Um leitor em viagem ao exterior, ao buscar a cotação da moeda norte-americana, espera encontrá-la de forma simples, eficaz, sem complicações.

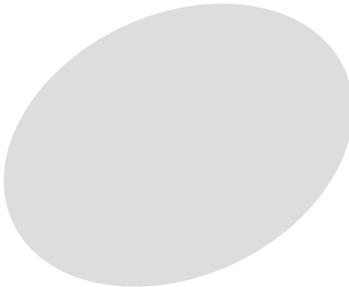
Contudo, a complexidade do mundo contemporâneo, que evidentemente se reflete na mídia, gera públicos distintos, com demandas diferenciadas. Esse fenômeno é observado pelo *ombudsman* do jornal *Folha de S. Paulo*, Carlos Eduardo Lins da Silva. Em sua coluna dominical intitulada “Notícias no país do futebol”, publicada no dia 29 de junho de 2008, o comunicólogo chama a atenção para a necessidade de reposicionamento midiático dos jornais, que ao se limitar à cobertura factual patinam nesse novo ambiente que prima pela velocidade.

Em sua análise, Lins da Silva usa como exemplo a cobertura esportiva dos jornais impressos, que competem não somente com

os meios convencionais, como rádio e TV, mas também com a TV paga, que possui canais exclusivamente dedicados aos esportes, além dos *blogs* e jornais especializados.

... tudo isso exige do jornal impresso uma nova atitude se quiser manter a atenção, o interesse e a lealdade do leitor. É evidente que ele não pode competir com os outros veículos em velocidade e atração imagética. Mesmo assim, continua insistindo, muitas vezes, nas velhas fórmulas (...).

*Para o estadunidense Mark Kramer, o jornalismo literário requer a fundamental imersão na realidade para compreendê-la e relatá-la*



A ilustração fotográfica não pode se limitar a reproduzir estaticamente o que o torcedor viu dezenas de vezes em movimento e câmera lenta na véspera. Ela tem de ser capaz de sintetizar o significado do jogo em alguma cena que as câmeras de televisão por qualquer motivo não puderam registrar ao vivo.

Quanto aos textos, não devem em nenhuma hipótese só descrever o que o leitor já viu muitas horas antes. Precisa ir atrás do detalhe, da informação exclusiva, da opinião avalizada, do enfoque original, do anúncio de novidades (Silva, 2008).

O caminho que o *ombudsman* da *Folha de S. Paulo* desde 22 de abril de 2008 aponta para superar o desafio causado pela evolução tecnológica não é o outro que o da reportagem, feita com apuração precisa e ética. Lins da Silva enfatiza também um ponto essencial no âmbito do Jornalismo Literário, modalidade jornalística que preconiza a prática da reportagem de profundidade. Trata-se da imersão na realidade para compreendê-la e relatá-la, um dos oito pontos fundamentais

do Jornalismo Literário na visão do estudioso estadunidense Mark Kramer (Sims; Kramer, 1995).

Uma vez que essas reportagens aprofundadas em geral demandam apuração por tempo prolongado, é relevante o cuidado com o método de registro das informações. Não por acaso, o antropólogo da Comunicação belga Yves Winkin estabelece uma relação entre o trabalho dos jornalistas literários e as pesquisas etnográficas:

É trabalhando na dimensão temporal dos seus lugares que vocês conseguirão dar-se conta de que um lugar espacialmente definido é sempre um lugar temporalmente definido e que as duas dimensões são intrinsecamente misturadas. Os mapas são, portanto, um instrumento essencial para aquele que quer fazer um trabalho etnográfico. Não há nada de novo nisto que lhes digo. Em 1930, a primeira geração de estudantes da “Escola de Chicago” já fazia um trabalho cartográfico sob direção de Park (cf. Faris 1970). Eu mesmo tomo explicitamente emprestadas minhas sugestões de Schatzman e Strauss, *Field Research: Strategies for a natural sociology* (1973). Trata-se de algo, portanto, muito clássico. Mas continua sendo importante.

A terceira exigência, a partir do momento em que estão fazendo trabalho de campo, é obrigarem-se constantemente a fazer ida-e-volta entre a prática que estão vivendo e a teoria que lerão paralelamente. Pode-se dizer que tudo o que descrevi até agora qualquer bom jornalista seria capaz de fazer. E é verdade que muitas investigações jornalísticas se parecem muito, afora alguns matizes, com pesquisas etnográficas. Tenho em mente principalmente os longos textos dos jornalistas literários americanos, como John McPhee (cf. N. Sims, 1984). O matiz é que os jornalistas etnográficos — se pudermos chamá-los assim — não se impõem uma relação constante com a teoria. Por que dizer isso? Não é simplesmente para encaixar os dados numa reflexão mais conceitualizante ou, mais ambiciosamente, para tentar romper com o senso comum, como prescrevem Bordieu, Chamboredon e Passeron em *Le métier de sociologue* (1968). Não, é antes de tudo porque a teo-

ria vai levar a ver mais e mais longe. E não é preciso se encher de teorias para produzir esse efeito (Winkin, 1998:134-135).

Kramer igualmente recomenda que esse mergulho seja meticulosamente anotado, “re-tendo palavras para citações, sequências de eventos, detalhes que mostram a personalidade, atmosfera, e conteúdos sensoriais e emocionais” (Sims; Kramer, 1995:23)<sup>1</sup>. Sugere, portanto, o que os etnólogos chamam de diário. Durante o processo de redação, esse registro da pesquisa de campo será analisado, selecionado, revisto, enfim, reduzido à essência para servir de base para a produção do texto.

O resultado desse trabalho de campo resulta no que Henry James chama de “*felt life*” (Sims; Kramer, 1995:22-23), em português “vida experienciada”, algo como perceber a realidade de tal forma que permita aflorar as grandezas e fragilidades dos personagens, evidenciando as idiossincrasias que constituem os seres humanos.

Para Kramer, o tempo possibilita ao jornalista compreender o sentido do que está relatando (Sims; Kramer, 1995:23). É como se, aos poucos, as peças soltas fossem se encaixando e revelando, senão um desenho completo e acabado, um mapa que permite navegar pela vida de uma pessoa, grupo, situação ou período.

Esse mergulho na realidade para a produção de reportagens aprofundadas demanda o uso de métodos diferenciados de captação da realidade. Neste contexto, uma metodologia interessante é a *Cultura do Ouvir*, proposta pelo semiótico da cultura brasileiro Norval Baitello Jr., inspirado em autores como o sociólogo alemão Dietmar Kamper, criador da antropologia histórica:

Uma vez que o neo-analfabetismo progride com passos céleres e firmes, uma vez que as conquistas do tempo lento da decifração e do ler estariam se perdendo, tudo isso provocado pela fúria devoradora do tempo descartável das imagens em

processo de reprodução inflacionária, o que nos restará será a progressiva cegueira para estas mesmas imagens. Não veremos mais nexos, conexões que estávamos acostumados a ver com o mundo da audição, do fluxo lento e da temporalidade do ouvir e do contemplar. Ambas operações são também marca do mundo da leitura, que exige um lânguido ver, um lânguido movimento do tempo, análogo ao tempo do ouvir. Ouvir requer um tempo do fluxo e o tempo do fluxo é o tempo do nexo, das conexões, das relações, dos sentidos e do sentir (Baitello jr., 2005:108).

O jornalista José Eugenio de Oliveira Menezes, docente do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, pontua que esse criativo momento atual tem paralelo com a época de Platão (428 –347 a.C.), momento da história grega em que a oralidade vê consolidar as artes da escrita (Menezes, 2008). E sugere que a convergência entre as culturas do ver e a do ouvir é essencial para os relatos contemporâneos:

O diálogo entre a cultura do ver, com o gigantesco e onipresente universo das imagens, e a cultura do ouvir pode oferecer um respiro vital a este movimento de ir e vir. No entanto, como as formas de transmissão sonoras não mereceram ainda a mesma dedicação das formas de transmissão visuais, isto é, contamos com fácil acesso a imagens com alta resolução e limitado acesso ao universo sonoro, é possível que o aperfeiçoamento do tratamento do som, ao lado de exercícios concretos do ouvir no sentido mais estrito da palavra — ouvir as coisas e ouvir o outro —, nos possibilitem trânsitos também sonoros nos interstícios dos diferentes artefatos ou meios de comunicação (Menezes, 2008:115).

O paradoxo é que o ouvir proposto não é passivo, mas interativo, como sugerem outras áreas do conhecimento, caso da Psicologia, que usam a escuta ativa e o questionamento não diretivo para melhorar a qualidade da conversação (Amélio & Martinez, 2005:87-125).

A maneira mais motivadora de participar de uma conversa é nos posicionarmos, isto é, dizermos o que sentimos e pensamos so-

<sup>1</sup> Tradução livre da autora.

bre o tema. Participar ativamente implica raciocinar, tentar descobrir, influenciar, contribuir para o que está sendo exposto. Pressupõe correr os riscos de expor a própria posição, tentar ajudar a descobrir um mistério, construir um conhecimento, modificar a percepção ou a atitude do parceiro.

Essa postura ativa demanda muito mais do que fazer sim com a cabeça, sorrir, emitir sinais de que está entendendo, está interessado, se divertindo, se indignando ou se surpreendendo com o se está sendo dito. O resultado para quem a adota é uma forma motivadora de participação, tanto para o ouvinte como para o falante (Amélio; Martinez, 2005:99).

O princípio básico da escuta ativa é de uma simplicidade e aplicabilidade surpreendentes. Ele consiste em prestar o máximo de atenção ao falante e, em seguida, repetir, nas palavras do jornalista, o que pensa ter compreendido da fala. A prática habilita ambos, jornalista e fonte, a descobrir se a mensagem foi bem transmitida, evitando-se, ou, ao menos, reduzindo-se, a incidência de ruídos e, conseqüentemente, de equívocos. Outra vantagem do emprego da técnica é que ela possibilita à fonte expor melhor seu ponto de vista, abrindo-se mais a respeito de algum ângulo do assunto, o que melhora a qualidade do relato.

### Estudo de caso: a escuta atenta de José Hamilton Ribeiro

No jornalismo contemporâneo brasileiro um exemplo de reportagens aprofundadas é encontrado na produção de José Hamilton Ribeiro, atualmente repórter especial do programa *Globo Rural*, da *Rede Globo de Televisão*. O profissional começa a atuar como repórter no jornal *O Tempo*, de Hermínio Sachetta, em 1955, e no ano seguinte passa a integrar os quadros do jornal *Folha de S. Paulo*. Ao rever sua trajetória jornalística, o profissional pondera:

Repórter é como goleiro. Tem de ter sorte. Às vezes o goleiro é ótimo, mas no últi-

mo minuto deixa entrar um gol. Eu sou uma pessoa que teve muita sorte na vida. Cheguei à *Folha de S. Paulo* em 1955, com 20 anos, num momento de explosão em que o jornal tinha ambição de ser nacional e estava investindo em reportagens. Aí fui para a *Abril*, que estava passando de uma empresa que traduzia revistas para apostar no jornalismo brasileiro. Entrei na *Quatro Rodas*, a primeira publicação para homens, em seguida na *Realidade*, vi a *Veja* nascendo. Quando saí da empresa, a *Abril* já era uma das maiores do mundo (Martinez, 2008:96).

Na revista *Quatro Rodas*, José Hamilton integra a equipe formada por Mino Carta, Vítor Gouveia, Paulo Patarra (1935-2008) e José Roberto Pena que ganha o prêmio Esso Regional de 1964. A reportagem “São Paulo de Corpo Inteiro” já mencionava, há 44 anos, características pelas quais é conhecida até hoje a quarta maior metrópole do mundo e sua estrutura, rica em descrição, envolve o leitor na narrativa:

— O Viaduto do Chá, às seis da tarde, dá uma visão terrível de São Paulo. Um “rush” impressionante de pedestres. Embaixo, no Anhangabaú, cordões tortuosos de filas para os coletivos. Avenidas São João e Nove de Julho, funis necessários de todos os acessos, engarrafadíssimas, formam um só risco de luz do farol dos automóveis que são 4-5 km de rodas, andando quase aos pulos na redução das primeiras. A praça do Correio é um formigar de gente e tal é a zoadá para entrar nos bondes Lapa e Pompéia que nem se ouve a choração do Evangelho, na palavra enternecida de um pecador recém-convertido a arauto da Salvação Eterna (Ribeiro, 2006:159).

De 1966 a 1975, José Hamilton atua na lendária revista *Realidade*. Apesar da vasta experiência que se seguiria, ele é mais conhecido por ter sido o repórter que, enviado pelo editor Paulo Patarra em 1968, perde parte da perna esquerda ao pisar em uma mina terrestre na cobertura da guerra do Vietnã. O trecho é descrito na matéria publicada na época na revista:

Para não cair, rodopiava sobre mim mesmo, em círculos e aos saltos. Instintivamente, levei as duas mãos para “acalmar” a minha perna esquerda, e foi então que a vi em pedaços. A calça no lado esquerdo tinha desaparecido. A visão foi terrível. O sangue brotava como de torneiras. Depois do joelho, a perna se abria em tiras, e um pedaço largo de pele retorcido estava no chão. Olhei em volta e não achei meu pé. Fiz um balanço rápido da situação. Senti a cabeça muito quente e um fio de sangue no rosto. A perna direita, empapada de sangue, parecia ferida, mas estava com a perna da calça e a bota — senti certo alívio. A mão direita, muito queimada, minava sangue. Não senti absolutamente nenhuma dor. O que mais incomodava era o incrível retesamento dos músculos da perna esquerda.

Shimamoto chegou-se a mim, puxou violentamente minha cabeça para o seu peito — numa posição que não mais podia ver a perna esquerda — e, chorando, beijava seguidamente os meus cabelos:

— José, oh José, oh José, como é que foi acontecer isso?

Uma idéia veio-me então bem nítida:

— Vou morrer!

Relembrei uma brincadeira de estudantes, quando combinamos que eu devia morrer aos 32 anos.

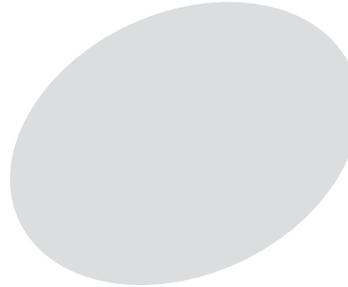
— É, vou morrer.

De repente, ganhando espaço, devagar mais implacável veio a dor. Uma dor aguda, sufocante, que me fazia suar aos borbotões. Gritei:

— Ajudem-me, ajudem-me. Preciso de morfina... (Fuser, 1996:180).

Em 1975, quando a ditadura militar no Brasil obstrui a produção jornalística independente nas grandes cidades, José Hamilton aceita o convite para renovar a estrutura dos jornais regionais no interior do Estado de São Paulo. Primeiro dirige *O Diário*, de Ribeirão Preto, e em 1977 o *Dia e Noite*, de Rio Preto. Neste último ganha, na categoria Regional Sudeste, mais um prêmio Esso de

Informação Científica, jornalismo no qual se distinguiria. Na abertura da matéria ganhadora, “Na boca da milésima extracorpórea (Coração a céu aberto no sertão)”, há um interessante prólogo que explica o método de trabalho aprofundado do autor:



*A escuta ativa possibilita à fonte expor melhor seu ponto de vista, abrindo-se mais a respeito de algum ângulo e enriquecendo a qualidade do relato*

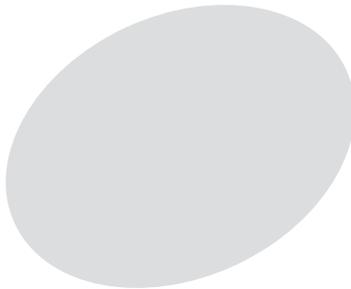
Esta reportagem pretende dar uma idéia do que é uma cirurgia cardíaca. Para fazê-la HAMILTON RIBEIRO viveu mais de um mês “dentro” do IMC. Entrevistou doentes, ouviu cirurgiões, clínicos, plantonistas, enfermeiros; visitou consultórios e serviços; leu alguma coisa e “vestiu-se” de médico para assistir a três cirurgias (Ribeiro, 2006:101).

Em 1979, ele dirige o *Jornal de Hoje*, de Campinas, e em 1981 é convidado a integrar a equipe do *Globo Repórter*, da TV Globo. No ano seguinte, 1982, passa para o programa *Globo Rural*, onde está até hoje, aos 74 anos (ele é de 29 de agosto de 1935).

Na mídia eletrônica, o programa *Globo Rural* ocupa um lugar especial. O horário matinal, sem tanta pressão dos medidores de audiência, como o Ibope, permite coberturas aprofundadas, que são editadas com tempo e esmero. A linha editorial do programa contribui, visto que não se limita a uma cobertura noticiosa sobre o *agrobusiness* — embora ela também ocorra e seja bem feita. A pauta é ampla, amparada pela visão social e ambientalmente humanista de seu editor-chefe, Humberto Pereira, ex-frade dominicano que incentiva as matérias de fôlego, ao estilo dos documentários, que contemplam as atividades, a cultura e as tradições do homem do campo brasileiro.

O exemplo maior talvez seja o especial *Os Tropeiros*. Antigo desejo da redação que tomou forma no início de 2006, quando a equipe do Globo Rural literalmente montou tropa — da qual José Hamilton comandou a parte internacional, realizada no Uruguai e na Argentina, e participou da jornada final da tropeada —, refazendo a rota de 1 760 quilômetros de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, a Sorocaba, em São Paulo, revivendo no lombo de mulas a saga dos homens que começaram a suprir animais e víveres para as Minas Gerais.

*A obra de José Hamilton resulta num jornalismo que olha a realidade de forma compreensiva, produzindo uma narrativa viva e humanizada*



Da expedição resultou um livro-reportagem escrito por José Hamilton Ribeiro, intitulado *Os Tropeiros: diário da marcha*. A obra não é a primeira nem única nos 50 anos de carreira de José Hamilton, mas a 14ª. Número que continua crescendo, pois há um livro sobre Jornalismo Científico prestes a ser lançado. Parte da produção do jornalista é dedicada à ficção, marcadamente infanto-juvenil: *Pantanal, amor-baguá* (1974), *Sr. jequitibá: o dia em que seu rosa falou* (1979) e *Kadiueu, a vingança do índio cavaleiro* (1997). Nos dois últimos, trata de uma questão que lhe é cara, a da preservação da natureza.

Contudo, José Hamilton é mais conhecido pelos títulos jornalísticos, como *O Gosto da Guerra*, de 1969, sobre o conflito no Vietnã, reeditado em 2005 pela editora Objetiva. Ou *O Repórter do Século*, lançado em 2006 pela Ediouro, que reúne as sete reportagens que ganharam prêmios Esso e a matéria sobre a cobertura no Vietnã, bem como uma cronologia pessoal na qual este artigo é baseado.

Parte da produção recente do profissional, como *Os Tropeiros*, reflete a paixão pelo campo do profissional nascido em Santa Rosa do Viterbo, no interior do Estado de São Paulo. Em *Música Caipira* (2006), o jornalista resgata a história e 270 modas, sem, contudo, apresentá-las na íntegra, por uma questão de direitos autorais:

A origem da música caipira é a origem do Brasil.

Havia músicos na caravana de Cabral e, como a viola era moda no Portugal da época, cabe supor que os tripulantes trouxessem uma.

Gaita (sanfona?) eles tinham, tanto que dela faz referência a carta de Pero Vaz de Caminha, conforme citação no livro *A Moda é Viola*, de Romildo Sant’Anna: “... E (*Diogo Dias*) levou consigo um gaiteiro com sua gaita. E meteu-se a dançar com eles (*os indígenas*) tomando-os pelas mãos: e eles folgavam e riam, e andavam com ele muito bem ao som da gaita”.

Acrescenta Romildo: “... nascia algo de excepcional para a civilização: portugueses invasores e índios hospitaleiros davam as mãos para dançar, para cirandar, mais pela pureza latente dos índios do que pela predisposição lusa”.

Ao conteúdo português, que vinha na letra e na viola, os índios acrescentaram sua alegria, seu gosto pela dança, o jeito de bater os pés e as mãos — o que vai de pronto redundar na catira, que é o primeiro dos gêneros da música caipira. O primeiro pelo sapateado, pela coreografia, pelo bater de pés e mãos — e o primeiro também a receber letra. (Ribeiro, 2006a:16).

A obra destaca-se pela apuração — José Hamilton ouviu mais de 100 pessoas para compô-la. Já em *Gota de Sol* (1992), para resgatar a saga dos protagonistas da citricultura brasileira, José Hamilton mergulha nas plantações e laboratórios de pesquisa brasileiros e embarca por 13 dias num navio de suco que parte de Santos com destino à Flórida. A obra revela um ponto essencial para entender a produção do jornalista: sua visão pró-ativa,

que busca compreender os sentidos e os nexos do assunto, resultando num jornalismo que olha a realidade de forma compreensiva:

Aí estava o meu choque: eu tinha ido ao Monumento à Laranja com a intenção de agradecer aos EUA pela citricultura brasileira, e encontrava ali, escrito em bronze, um reconhecimento de que a citricultura americana é que nos devia agradecer...

Fiquei então pensando que, no fundo, ninguém precisa agradecer a ninguém, na medida em que é normal (ou devia ser) um país passar ao outro suas conquistas, seu conhecimento, suas técnicas, os bens que a natureza lhe deu, em nome de uma solidariedade maior, uma fraternidade que nos cobrisse a todos neste planeta cada vez menor. (Ribeiro, 1992:179).

Seja nas obras impressas ou nas reportagens televisivas, a relação dialógica feita por José Hamilton produz uma narrativa viva e humanizada. Muito desse avivamento, aliás, é provocado pelo evidente interesse demonstrado pelo jornalista durante a condução das entrevistas. Nunca direto, sempre respeitoso e com a curiosidade inerente às crianças, ele consegue revelar as angústias e alegrias dos moradores do campo e da cidade, expor seus problemas, e, principalmente, suas soluções criativas. Consegue, como poucos, captar a dimensão humana em toda sua complexidade. O resultado é um jornalismo que o pesquisador Edvaldo Pereira Lima (apud Künsch, 2005) chama de transformativo, no sentido que transcende a mera denúncia, apontando possibilidades.

Durante entrevista realizada com o profissional em 25 de setembro de 2007, para o preparo desse *paper*, foi-lhe perguntado se a escuta atenta era uma ferramenta relevante para a produção de suas reportagens. “Escutar o outro é essencial para produzir reportagens bem feitas e duradouras. O resultado é totalmente diferente de quando você vai à cena apenas para confirmar uma idéia preconcebida na redação”, reflete.

Ao buscar no cotidiano respostas aos fatos que intrigam seres humanos de todos os tem-

pos, José Hamilton mergulha em uma esfera universal, visto que aborda entrevistados e seu contexto da forma mais integral possível.

## Considerações finais: metodologia da reportagem de José Hamilton Ribeiro

A guisa de finalização, consideramos cinco pontos-chave para compreender o trabalho do jornalista José Hamilton Ribeiro:

**1. Percepção acurada para propor novas angulações.** Uma característica importante do trabalho de José Hamilton Ribeiro é sua capacidade de olhar assuntos conhecidos de uma perspectiva original. Segundo o editor-chefe do *Globo Rural*, Humberto Pereira, José Hamilton possui habilidade de enxergar o que ninguém está vendo (Martinez, 2008a:95). Este elemento pode ser comprovado pela reportagem “Zé Bilico”, uma das duas que mais aprecia das realizadas ao longo dos 27 anos que atua no programa:

A segunda reportagem, como ele diz, foi um caso de serendipidade, deveu-se ao acaso. Zé Hamilton estava fazendo uma matéria sobre a influência lunar na agricultura e precisava pegar uma imagem de uma lua nascendo num penhasco. “Aí um cara que era fonte da reportagem da lua me disse: ‘Ah, na fazenda do meu pai tem. Ele é velhinho, lá no interior’. E lá fomos nós à fazenda ver o penhasco. Quando vi o pai dele, falei: ‘Ah, não. A matéria é o pai dele’. Era uma fazendinha pequena, mas muito bem cuidada. Tinha monjolo, moinho, rego d’água, jaracatiá (uma fruta), uma pequena usina elétrica movida a água, um pomar bem arrumadinho de forma que tivesse três frutas maduras qualquer dia que fosse lá. Na hora de tratar das galinhas, ele pegou a bacia de milho e ‘pi pi pi pi pi’, juntou aquela galinhada.

Zé Bilico — o apelido dele é Zé Bilico —, você tem muito galo.

Não, galo só três, o resto é capão.

“Então descobri que ele mantém ainda o costume de capar o galo. Você sabe por quê? Antigamente as fazendas eram au-

to-suficientes em alimentação, só compravam sal e querosene. A família mineira gosta muito de quitandas, sequilho, broa, bolo de fubá, tudo depende de ovo de galinha. É um ingrediente indispensável para a fazenda antiga. Se as galinhas entrarem todas no choco, vão ficar 21 dias chocando, aí nascem os pintinhos e vão ficar mais 20 ou 30 cuidando dos pintinhos. Nesse período ela não bota e a fazenda fica sem ovo. Alguém descobriu que capando o frango jovem, no dia seguinte ele assume a lida da galinha desde chocar o ovo até criar os pintinhos, liberando a galinha desse trabalho. Quem capava os galos lá era uma mulher interessantíssima, Catarina. Com lâmina de barbear, daquelas fininhas.

Qual a hora de capar o galo, Catarina?

Olha, o frango cantou uma vez, tá bom, eu pego e capo.

E um galo já com espora, não pode capar?

Não. Ele morre de paixão porque já conheceu galinha.

“E foi uma coisa depois da outra. Quando termina a reportagem, estou na sala do Zé Bilico, onde há várias fotos na parede.

Quem é esse?

Ah, é meu avô e minha avó.

E esse?

Ah, minha mãe quando estava noiva provando o vestido.

E esse botinado?

Ah, esse era eu quando tinha 12 anos.

“Aí vem uma foto moderna com um menino de uns oito anos.

E esse aqui, Zé? — pergunto.

Esse é meu filho.

Como Zé, você está com 84 anos.

Aqui só capa o galo — disse Zé Bilico à Zé Hamilton, que cai na gargalhada ao relembrar o fato (Martinez, 2008a:97).

**2. Exaustiva pesquisa do tema.** A segunda característica importante da obra do jornalista paulista é o profundo estudo que realiza sobre a temática antes de realizar entrevistas. Esse ponto da pesquisa prévio é um dos mais delicados no processo jornalístico contemporâneo, uma vez que antes de sair a campo a maioria dos jornalistas atualmente empreende apenas uma rápida pesquisa em bancos de dados digitais, realizada por mecanismos populares de busca, confiando sobretudo na própria experiência sobre o assunto. No caso de Ribeiro, a pesquisa antecede a prática, porém o conhecimento adquirido por meio dela não é ostensivamente exposto na hora da entrevista, o que poderia intimidar a fonte e comprometer o diálogo. Conforme observa a filha caçula de José Hamilton, a jornalista Teté Ribeiro, colaboradora do jornal *Folha de S. Paulo*:

Meu pai vai para a pauta aparentemente como quem não sabe de nada. Só nós sabemos o quanto ele pesquisa antes de ir para o campo. Ele sabe tudo sobre o assunto, mas o fato de parecer que está caindo de pára-quedas faz com que o entrevistado relaxe. E ele nunca vai direto ao ponto: vai sempre comendo pelas bordinhas. E se envolve na história que está cobrindo por completo. Repare no vídeo: ele costuma ficar grudado na pessoa, fisicamente até”, observa Teté (Martinez, 2008a:95).

**3. Imersão no assunto.** A observação atenta e a pesquisa prévia somam-se a uma terceira característica do jornalista: sua capacidade inata de mergulhar no tema que está investigando. Em alguns casos, o mergulho chega a ser literal, como quando ficou horas dentro de uma banheira contendo substância arroxeadada para ver se enegrecia a pele e, assim, conseguia produzir um relato envolvente sobre o preconceito racial no Brasil para a revista *Realidade*. A esposa Maria Cecília, com quem é casado desde 1964, portanto há 45 anos, recorda: “Na época em que estava fazendo a matéria do rim (“Uma Vida por Um Rim”, ganhadora do Prêmio Esso

de Informação Científica em 1967<sup>2</sup>), estava tão ligado na pesquisa que falava ‘cateter’ dormindo. Tinha até pesadelos” (Martinez, 2008:93). Mais recentemente, Ribeiro tem se dedicado a assuntos que fazem parte de suas preocupações há décadas e que, portanto, domina profundamente, como a preservação do Pantanal. O resultado revela-se em matérias jornalísticas com uma contextualização histórica profunda.

**4. Diálogo profundo e respeitoso com as fontes.** A entrevista dialógica é a quarta característica do trabalho de José Hamilton Ribeiro. Trata-se de uma marca pessoal possibilitada pela combinação dos três elementos anteriores. A angulação diferenciada, a pesquisa prévia acrescida de sua experiência pessoal sobre os assuntos investigados, com amplo mergulho pessoal no tema, não resultam em um discurso elaborado, acadêmico. Ao contrário. Essa massa de informação é sintetizada de forma simples e temperada pela evidente curiosidade pessoal do jornalista em descobrir e compartilhar com os telespectadores os saberes do entrevistado sobre a questão. “Ele tem facilidade de se comunicar. Fala com uma linguagem que o entrevistado entende, com aquele jeito roceiro que deixa o outro à vontade. Essa é a chave dele”, explica a esposa, Maria Cecília (Martinez, 2008a:95).

**5. Estilo autoral na escrita (mídia impressa) e na edição das imagens (eletrônica).** Um ponto fundamental para a compreensão da obra do jornalista é o perfeccionismo com o qual Ribeiro estrutura o material colhido, acompanhando a finalização do produto até sua conclusão. Esse elemento, aliás, permite ao *Programa Globo Rural* como um todo preservar e exibir as características individuais de sua equipe de jornalistas, possibilitando ao telespectador desfrutar de suas preferên-

cias pessoais pelo trabalho de seus profissionais. No caso em particular da mídia impressa, como na revista *Realidade*, a produção textual de Ribeiro é permeada com recursos oriundos da literatura, como a construção de cenas, bem como digressões e reflexões, o que imprime qualidade literária à sua obra:



*A produção textual de Ribeiro é permeada com recursos oriundos da literatura, como a construção de cenas, bem como digressões e reflexões*

Valter é católico, mas desses católicos que acham que Deus não deve ser incomodado com pedidos pessoais. Por isso, quando foi para o hospital receber os 98 pontos, e — na opinião da sua família — morrer durante aquela operação que nunca tinha sido feita antes na América Latina, não fez nenhuma promessa. Mas não pôde impedir que outros fizessem por ele. E teve que pagá-las, depois (Ribeiro, 2006:28).

Pela qualidade de sua obra, em 2006 José Hamilton Ribeiro foi agraciado com o prêmio *Maria Moors Cabot Prize*, concedido pela Escola de Jornalismo da Universidade Columbia aos jornalistas ocidentais comprometidos com a liberdade de imprensa. Dois anos depois, em 2008, teve a preferência de 70% dos 250 mil internautas eleitores na categoria nacional do *Premio Brasileiro Imortal*. O resultado é que o antúrio mirim, uma das seis espécies descobertas pelos botânicos na Reserva Natural Vale, localizada em Linhares, no norte do Espírito Santo, foi batizado com o nome científico de *Anthurium Hamiltoni*.

<sup>2</sup> Nota da autora.

## Referências

- AMÉLIO, A. e MARTINEZ, M. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Gente, 2005.
- BAITELO jr., N. **A Era da Iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BRUM, E. **A Vida que Ninguém Vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CAMARGO, J. **A influência do New Journalism nos textos de José Hamilton Ribeiro publicados na revista Realidade entre 1966-1968**. Relatório final de Iniciação Científica. São Paulo: UniFIAMFAAM, 2007.
- FUSER, I. (Org.). **A Arte da Reportagem**. São Paulo: Scritta, 1996. v. 1.
- KAZ, R. **Criador e Criatura. Piauí**. Rio de Janeiro, janeiro 2008, p. 46-51.
- KÜNSCH, D. **Jornalismo Transformativo** (um diálogo com Edvaldo Pereira Lima). Disponível em: [www.textovivo.com.br/imprima/dim1.htm](http://www.textovivo.com.br/imprima/dim1.htm). Acesso em 13 jun 2005.
- LIMA, E. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.
- MARTINEZ, M. **Jornada do Herói**: estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Muito além do Vietnã**. *Revista Brasileiros*. São Paulo, abril 2008a, p. 90-97.
- MEDINA, C. **A Arte de Tecer o Presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- MENEZES, J. **Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade**. *Libero*. São Paulo: Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, ano XI, n.º. 21, pp. 111-118, jun. 2008.
- MORAES N. (Org.). **O Livro das Grandes Reportagens**. São Paulo: Globo, 2006.
- RIBEIRO, J. **Pantanal, amor-baguá**. São Paulo: Brasiliense, 1980. 16,50
- \_\_\_\_\_. **Deixem-me ser eu**. São Paulo: S N, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Kadiueu, a vingança do índio cavaleiro**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Sr jequitibá: o dia em que seu rosa falou**. Campinas: Quinteto Editorial, 1987.
- \_\_\_\_\_. **O Cavalo Árabe no Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O Gosto da Guerra**. São Paulo: Objetiva, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Gotas de Sol**. São Paulo: Globo, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Jornalistas: 1937 a 1997** — História da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones. São Paulo: IMESP, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Música Caipira**: As 270 Maiores Modas de Todos os Tempos. São Paulo: Globo, 2006.
- \_\_\_\_\_. **O Repórter do Século**: As 7 reportagens que ganharam os 7 prêmios Esso (não superadas até agora) e a mais famosa: Vietnã. São Paulo: Geração Editorial, 2006b.
- \_\_\_\_\_. **Os Três Segredos que Fizeram o Político Mais Votado**. São Paulo: Nossa, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Os Tropeiros**: Diário da Marcha. São Paulo: Globo, 2006c.
- SILVA, C. **Notícias no país do futebol. Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 jun. 2008. Caderno Brasil, p. A-8.
- SIMS, N.; KRAMER, M. **Literary Journalism**: a new collection of the best American nonfiction. Nova York: Ballantine Books, 1995.
- WINKIN, Y. **A Nova Comunicação**: Da teoria ao trabalho de campo. Campinas/São Paulo: Papirus, 1998.

### DVD

**Os Tropeiros**. Especial Globo Rural. São Paulo: Globo Marcas, 2006, DVD (89 min.).